

**Universidade Federal do Rio Grande do Sul**

Daniel de Maman Roitman

Orientadora: Tania Mara Galli Fonseca

**A Clínica da Presença no manicômio judiciário:**

considerações cartográficas a partir da experiência na Oficina Cafofo

Porto Alegre

2014

## **sumário**

1. agradecimentos_____	3
2. resumo_____	5
3. a função do testemunho_____	6
4. encontrando um lugar possível_____	8
5. o cafofo_____	11
6. psicólogo-cartógrafo como presença_____	13
7. a presença como agente do clinamen_____	17
8. o resto é tudo_____	20
9. o cafofo e a produção caseira de coquetel molotov_____	24
10. considerações finais_____	26
11. referências bibliográficas_____	29

## **agradecimentos**

\_\_\_\_Faz-se necessário, à medida que está sendo apresentado um trabalho de conclusão de curso, uma pausa para agradecer e oficializar em palavras, em forma de tentativa, pois nunca dá-se conta daquilo que sentimos, uma homenagem àqueles que considero fundamentais para a minha formação, enquanto psicólogo, aluno e, principalmente, enquanto ser humano. Pausa necessária porque às vezes sentimos ser insuficiente aquilo que retribuímos diariamente àqueles que acompanharam esse percurso e somaram afetos, saberes, ideias e desejos, proliferando muitas questões e inspirações que, em parte, estão contidas nesse trabalho, embora alcancem muito além do que se poderia dizer ou reconhecer.

Primeiramente, a orientadora deste trabalho e aquela que considero minha principal fonte de inspiração dentro da academia (e fora dela), a professora Tania, que me recebeu há quatro anos em sua sala e me aceitou como bolsista de iniciação científica, dando início a um processo que me fez perceber que há espaços de criação e invenção dentro das duras regras da academia, e, apesar da rigidez acadêmica, existe a possibilidade de construção de relações férteis, sinceras e sensíveis.

Também agradeço à minha supervisora de três anos, Rafa, por sempre estar à disposição para subsidiar aquilo que foi necessário durante meus longos anos de estágio dentro do Instituto Psiquiátrico Forense, bancando inclusive algumas pequenas transgressões da minha parte, embora nunca me desencorajando. Considero fundamental para que minha experiência de estágio tenha sido tão produtiva e instigante uma supervisora sempre atenta e sensível àquilo que é colocado, e sempre disponível, tanto para conversas teórico-filosóficas quanto para conversas de bar. Agradeço, também, a todos que compuseram o núcleo de estágios em psicologia do IPF durante esses três anos: a Vivi e a Ana Paula enquanto supervisoras e todos os estagiários, principalmente aqueles que ajudaram a construir o Cafofo – a oficina dentro do IPF que considero meu principal projeto dentro da psicologia. Uma homenagem especial ao Daniel, que segurou as pontas

desde os primórdios do Cafofo e ajudou a consolidar o espaço com criatividade e sensibilidade.

Nada do que está contido neste trabalho seria possível sem que os diversos encontros que tive com diversos pacientes, ou artistas, do IPF tivessem ocorrido – eles fizeram parte das minhas semanas e são a razão da existência desse trabalho. São inúmeros nomes, embora possa dizer que aquele que mantive maior proximidade e que me inspirou e encorajou a insistir nas minhas ideias foi a primeira pessoa com quem trabalhei no estágio básico na ala fechada do manicômio judiciário: o Lindomar, que hoje vive fora dos muros do IPF. O que me resta é citar o que o Mestref escreveu nas paredes do Cafofo: “liberdade às pobres almas desse lugar”.

Enfim, aos meus pais que, apesar da vertigem de ver um filho traçando caminhos nem sempre tão seguros, se mantiveram próximos e nunca deixaram de estender a mão quando necessário. E aqueles com quem divido apartamento, banheiro, privada, toalha de rosto, comida, água gelada, o lixo orgânico, a sujeira da sala, a louça suja, e que suportam meu (nem tão) eventual mal-humor: Theo e Diego, que conheci nos primeiros dias que entrei no curso de psicologia – um casamento que já dura quase três anos.

Por fim, a todos aqueles que, de fora, me ajudaram tanto a suportar a academia, quanto para oxigená-la com outras ideias: o coletivo Música da Casa Verde, com quem compartilho o princípio de que só som salva; ao meu professor e colega de projeto, Carlo Pianta, por ter me ensinado muito além da música e ter me inserido na comunidade Guitar Craft, e a toda comunidade da América Latina do Guitar Circle, incluindo o próprio Robert.

## **resumo**

O presente trabalho parte da experiência e do percurso enquanto estagiário de diferentes modalidades obrigatórias (básico, políticas públicas e clínica) do curso de psicologia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul no Instituto Psiquiátrico Forense - o manicômio judiciário que atende ao Estado do Rio Grande do Sul. A partir desse trajeto, construiu-se uma oficina de atividades expressivas - o centro cultural Cafofo - que se consolidou como um campo de estágio supervisionado que abriga diferentes atividades - artísticas, musicais, futebolísticas, cinema, ou simplesmente um centro de vivências que busca resistir às forças de morte operantes na instituição. Convoca-se os conceitos de arquivo e testemunho de Agamben, e também aportes conceituais de Deleuze e Guattari, além da crítica e da (des)construção histórica de Foucault para produzir uma análise das possibilidades e da potência de tal “ilha” de combate ao manicômio judiciário no interior do mesmo, a partir do trabalho do psicólogo enquanto presença - presença que busca atentar, escutar e amplificar os murmúrios que comumente são silenciados e soterrados pelas vastas camadas de enunciados psiquiátricos e prisionais.

**Palavras-chave:** arquivo; testemunho; loucura.

## a função do testemunho

*“60 por cento dos jovens de periferia sem antecedentes criminais*

*Já sofreram violência policial*

*[...]*

*A cada quatro horas, um jovem negro morre violentamente*

*Em São Paulo*

*Aqui quem fala é Primo Preto, mais um sobrevivente*

*Minha intenção é ruim... esvazia o lugar*

*[...]*

*Eu tenho uma missão e não vou falhar*

*Meu estilo é pesado e faz tremer o chão*

*Minha palavra vale um tiro... eu tenho muita munição*

*Na queda ou na ascensão, minha atitude vai além*

*E tem disposição pro mal e pro bem*

*Talvez eu seja um sádico, um anjo, um mágico*

*Juiz ou réu, um bandido do céu*

*Malandro ou otário, quase sanguinário*

*Franco atirador se for necessário*

*Revolucionário, insano ou marginal*

*Antigo e moderno, imortal*

*Fronteira do céu com o inferno*

*Astral imprevisível, como um ataque cardíaco no verso*

*Violentamente pacífico, verídico*

*Vim pra sabotar seu raciocínio”*

(Racionais MC's, "Capítulo IV versículo 3")

\_\_\_\_\_ Falar da luta antimanicomial, da reforma psiquiátrica, do testemunho, da resistência aos muros do arquivo, das vidas infames, da violência que atravessa os

discursos e transforma a morte em algo natural é falar do paradigma biopolítico, do fazer viver e deixar morrer. A epígrafe, composição dos Racionais Mcs, é expressão daquele que sofre o trauma da vida cotidiana, e nos reporta à experiência testemunhal de Primo Levi sobrevivente do Lager, como a fala de “mais um sobrevivente”, não importando menos o nome do que o que nos é relatado. A testemunha é aquele que, por encontrar a possibilidade de expressão, faz falar todos aqueles que naufragam diante da perversidade dos discursos que produzem descaso, exclusão, morte. Dar ao RAP a possibilidade de falar pela juventude negra das periferias do Brasil é o mesmo gesto que se busca ao dar a possibilidade de expressão numa oficina situada no interior de um manicômio: é fazer tremer os arquivos, subverter os registros que, a cada repetição, sepultam vidas, e o fazem porque o paradigma biopolítico permite deixar morrer, e fazer viver. “Violentamente pacífico, verídico/Vim pra sabotar seu raciocínio” - essa é a lógica do testemunho, a de produzir através da palavra - outra forma de expressão, em relação àquilo que se institui através das décadas, séculos, como práticas de exclusão e encarceramento do desvio; resistir aos arquivos da infâmia, ir a contrapelo dos discursos dominantes que permitem que a violência seja naturalizada - seja ela física, verbal ou psicológica.

O Hospital Psiquiátrico São Pedro é o primeiro estabelecimento a povoar a região do bairro Partenon na cidade de Porto Alegre/RS - na época suficientemente distante da cidade para se tornar o centro de exclusão da loucura, abrigo da infâmia e reduto de diversas práticas que tinham em sua sustentação o argumento da exclusão e do encarceramento. Ali, o louco é excomungado e emudecido e a cidade poderia ver-se limpa dos inadequados sujeitos que vagavam as ruas, loucos ou delinquentes - categorias que comumente se confundiam mesmo nos diagnósticos de papeletas do manicômio. Em meio a essas duas instituições: prisão e manicômio, polícia e psiquiatria e suas práticas violentas, emerge o manicômio judiciário nessa interface. É nessa mesma região da urbe que surge o Instituto Psiquiátrico Forense,, em Porto Alegre, entre o Hospital Psiquiátrico São Pedro e as vilas Cachorro Sentado e Maria da Conceição, do bairro Partenon, ao lado da igreja de São Jorge, nas imediações de um shopping center e de uma área militar –

consolidado a partir das concepções de prisão e manicômio, polícia e psiquiatria. Perigosos, criminosos, pobres, pretos, loucos, imorais, delinquentes, desviados, desajustados, traficantes, inimputáveis, infratores, sujos, esquecidos, abandonados, ignorados, mortos, sepultados, excluídos.

Em certo aspecto, portanto, falar de um é falar de todos, e essa é, também, a lógica do testemunho, pois aquele que fala o que resta a ser dito, situando-se entre o extremo da experiência traumática - o naufrágio, a morte e os sobreviventes. Se se criam campos de exceção na sociedade atual é porque se permite, numa rede discursiva, criar espaços onde os direitos humanos possam ser rompidos em nome da governabilidade - da segurança, da saúde, da cidade.

### **encontrando um lugar possível**

Após um ano como estagiário em acompanhamento terapêutico no Instituto Psiquiátrico Forense (IPF), dou sequência ao trabalho participando, sob supervisão, da construção de um espaço de produção de atividades expressivas - não mais um trabalho de acompanhamento individual, mas um trabalho que visa possibilitar coletivamente a expressão daquilo que insiste - um espaço comum cujo objetivo é oportunizar a quem possa trazer, da forma que for, aquilo que não encontra correspondência ou escuta nos fazeres especialistas, aquilo que muitas vezes passa despercebido como algo reles, superficial, aquilo que não diz respeito ao diagnóstico, que soa como conversa à toa - aquilo que foge da papeleta institucional, que não pode ser capturado pelos discursos especializados, que resiste contra as amarras institucionais que retiram a possibilidade de dizer do próprio sujeito.

O IPF, enquanto um manicômio judiciário, opera a partir de duas instituições totais - a prisão e o manicômio, no entrelaçamento do(s) silenciamento(s) médicos e prisionais, nele, misturam-se loucura e periculosidade numa combinação que abre precedente para uma exclusão eterna sob a égide da psiquiatria e da segurança. A medida de segurança, diferente de uma pena, é a retirada da possibilidade do

sujeito responder pelo seu próprio ato infracional, atrelando a vida do paciente ainda mais circunscrita pela psiquiatria e pelos saberes "especialistas", despotencializando-o de falar por si e sobre si. No momento em que é instaurada a inimputabilidade do sujeito, ele não mais cumpre sua pena em um período estabelecido pela lei - tornando-se refém eterno da psiquiatria - que dirá, todo ano, se a "periculosidade" de um sujeito "cessou" ou não. Portanto, além da crítica ao próprio método, cabe aqui salientar esse duplo silenciamento e essa dupla clausura que diz das vidas despejadas em tal estabelecimento - prisão porque perigoso e psiquiatria porque louco/prisão porque louco e psiquiatria porque perigoso. Sem poder responder ao ato infracional, mantém sua vida e seus atos, seus gestos, controlados e arquivados em uma papeleta institucional que servirá de base para uma pretensa avaliação que dirá de sua liberdade ou não. A vida, ou a morte, portanto, se encontra (pr)escrita em um boletim de diagnósticos, medicamentos, testes de drogas, como se se pudesse reduzir tais existências em breves observações de bom ou mau comportamento - enquanto emblema do silenciamento, da clausura e da infâmia.

Convocar os conceitos de arquivo e testemunho propostos por Agamben significa alçar os gestos, os escritos e obras expressivas produzidas na Oficina Cafofo a um outro lugar. Um lugar onde essas produções muitas vezes submetidas à lógica silenciadora do manicômio podem ser amplificadas, onde cada pequeno gesto se torna significativo à medida que aponta para um suspiro de vida que ainda sobrevive à infâmia e ao deserto mortífero do manicômio. Significa assumir que essas vozes que habitam tal lugar inóspito ainda podem se confrontar com as amarras institucionais que encontram na papeleta institucional seu ápice - submetendo uma vida inteira a termos técnicos, diagnósticos e receitas de antipsicóticos, acobertando aquilo que ainda se debate contra o engessamento total dos corpos que perambulam pelas instituições totais. Significa abrir espaço para que tais acontecimentos forcem as duras camadas de enunciados psiquiátricos e jurídicos e permitam a proliferação da vida para além das categorias e do regime dos enunciados arquiváveis - uma escuta que capta as frequências das vozes que foram historicamente ignoradas dessa população - a dos pacientes psiquiátricos, do

louco, do louco infrator, do marginal, dos socialmente indesejados.

O trabalho no Cafofo afirma uma postura ético-estética de produção de um espaço de resistência à lógica manicomial e prisional, de um espaço de afirmação da vida em um local atravessado por instituições que produzem morte social, uma abertura ao que resta a ser dito por essas vidas esquecidas e despejadas em tais instituições, às quais é negada a própria possibilidade de contar sobre sua própria vida - quem conta é a medicina, a psicologia conservadora, as "intercorrências" descritas nas papeletas, etc. O que se busca é produzir uma intervenção através de um dispositivo que possibilite condições de expressão e narração da vida, da própria existência na prisão e no manicômio, ou ainda, simplesmente, que possibilite que venha à tona, seja o papel, na fala ou em gestos, aquilo que ecoa nos corpos aprisionados e que pode manifestar-se como algum escape ou desvio às duras condições impostas pelos regimes de exceção. E, sendo pesquisador, torno-me eu próprio testemunho de tais atitudes, testemunho as conversas, as obras, as músicas, os cantos, os gritos que se libertam de uma quase mudez provocada pelos anos de internação sem direito à expressão espontânea. Torno-me testemunho também por tentar evitar que caia no esquecimento tudo aquilo que não pode ser arquivado em linguagens técnicas, ou seja, aquilo que parece desimportante para os saberes especialistas, aquilo que não é julgado digno de ser arquivado, que não parece fonte legítima de conhecimento sobre tal sujeito internado - rascunhos, escritos, cartas, pinturas, desenhos, longas conversas sobre assuntos aleatórios, esculturas, músicas, acontecimentos diversos onde sequer as posições de psicólogo/paciente se tornam claras, momentos em que se pode romper com os muros internos que formam nossos preconceitos, e todas as impossibilidades atribuídas a priori a tais sujeitos. Trata-se de fazer falar através da fala propriamente dita, ou através das diversas atividades expressivas que compõem o fazer das oficinas, propondo uma escuta longe dos julgamentos morais e especialistas instituídos pelos saberes cientificistas e especialistas. No ambiente do Cafofo, a comunicação não se pauta em periculosidade, diagnóstico, esquizofrenia, haldol, sintomas - se fala de música, sexo, pintura, desenho, futebol, drogas, denúncias, poesia, abusos, da vida que foi antes, das diferentes vidas que podem ser um dia -

e qualquer assunto que seja posto à mesa - de qualquer flor que nasça no asfalto. Irrigamos essas flores para romper com o cinza dos muros, dos panópticos, dos prontuários - aquilo que resta.

### **o cafofo**

\_\_\_\_\_A oficina Cafofo nasce em 2013 decorrente do estágio de políticas públicas, e compõe-se exclusivamente de estagiários de diferentes instituições trabalhando ali. Foi cambiado de espaço físico, embora o sentido do trabalho tenha permanecido. Alvo de diversos questionamentos advindos de setores conservadores da instituição, é visto como uma pequena brecha libertária dentro de um presídio-manicômio cuja base é a exclusão, o confinamento, a medicalização e o apodrecimento. Tendo isso em vista, surge a necessidade de sustentar a oficina dentro deste espaço, ainda mais à medida que se ganha notoriedade para além dos muros do IPF, e, não sem motivos, pergunta-se acerca do nome da oficina. Aparece, então, a busca pelo significado da palavra Cafofo - nome que foi escolhido principalmente pelo aspecto físico da primeira sala que fora destinada à oficina - um pequeno porão em meio a um caminho que ligava as unidades fechadas ao pátio dos fundos, com portão de madeira, onde se abrigavam também as papeletas antigas - o arquivo morto. Casualmente, uma psicóloga que atuava no núcleo de desinstitucionalização da Secretaria de Saúde, ao perceber a resistência que havia dentro do IPF em relação ao nome, procura no dicionário a palavra cafofo:

- 1- lugar em que se mora, modesto, mas aconchegante;
- 2- esconderijo;
- 3- buraco de alicerce para alguma construção;
- 4- lugar em que se guardavam os escravos antes de serem vendidos;
- 5- gíria do presídio - onde se guardam armas e drogas;
- 6- terreno pantanoso.

Não sem espanto, surgem aí diferentes possibilidades de dar sentido ao nome que se colocou ao espaço, sendo que todos carregam alguma característica muito peculiar que diz do próprio trabalho ali produzido, e também da instituição. Primeiro,

"lugar em que se mora, modesto, mas aconchegante" - é o primeiro significado, e o que havia sido anteriormente atribuído, se refere à possibilidade de criar um espaço de acolhimento, suficientemente aconchegante para servir de ponto de aterrissagem e paradoro para os sujeitos que perambulam no pátio a esmo. Um lugar em que se possa criar um vínculo afetivo com os objetos, com as coisas que estão ali dispostas, com os materiais, com as outras pessoas que frequentam a oficina, criar também uma rotina, e poder se apropriar do espaço. E, sendo cafofo, poder atribuir um valor de aconchego sem abrir mão da simplicidade, e experimentar um espaço que se opõe ao verde-claro e piso frio do hospital, ou das grades e do cheiro penetrante do presídio.

O segundo significado encontrado: "esconderijo", não menos potente, à medida que diz de uma fuga, uma brecha, uma fenda dentro da instituição que abriga e que refugia o pensamento e a criação. Esconderijo porque se pretende um espaço de produção de vida dentro de uma instituição que produz morte, onde as regras ditadas pela segurança e pela psiquiatria não podem ser aplicadas, onde o louco infrator, emudecido pela instituição, pode falar. Poder-se-ia pensar, dado o quarto significado encontrado, nas práticas de resistência dos próprios escravos de restituição da sua cultura em espaços inóspitos e hostis - de atrair aquilo que resta e dá vida, mesmo em condições subumanas de exclusão e morte, de exercer a dignidade de produzir cultura e vida. Diante da infâmia e da amargura da situação que lhes é imposta, a prática de resistência cultural parece surgir do mesmo paradoxo do testemunho: a impossibilidade e a necessidade do gesto. Como frequentador do Cafofo, eu próprio testemunho esse gesto: do sujeito que agarra o violão e canta as mesmas canções todas as quartas-feiras quando vê a porta aberta, como se por um breve momento a sua voz pudesse ser expressada e ganhar a forma de uma melodia.

Servir como "buraco de alicerce para alguma construção" é o item que mais chamou atenção em tal momento - um lugar cavado, encontrado a partir de um trabalho bruto que serve de alicerce, sustentação, para algo que surgirá sobre. O lugar que dá origem, mas que não aparece, é o que dá sustento, é o primeiro passo para um edifício. Embora utópica, essa atribuição do Cafofo aparece como um

norteador do trabalho - não se pode presumir o que se fará a partir de tais produções, mas vê-se como uma necessidade, e um grande obstáculo, essa construção que transbordará para fora dos muros, que deve se inserir na cidade e participar dela, tendo como referência a interface entre arte, cultura e saúde mental - um cuidado não no sentido da tutela, mas de oferecer subsídio para essa expressividade, esse registro da loucura e da infâmia que se contrapõe aos arquivos da loucura, já fartos e insuficientes em suas algemas e presunções epistemológicas.

O Cafofo, dessa forma, assume diversas faces, diversas possibilidades dentro daquilo que se propõe: uma ilha de resistência frente às duras engrenagens do manicômio judiciário. A partir dos dispositivos que produzimos na oficina, é possível pensar o Cafofo como um espaço complexo e multiforme, que se modifica à medida que os corpos que ali circulam e se apropriam do local. Ainda novo, o Cafofo não se limita a cumprir uma determinada função ou se restringir a uma tarefa pré-estabelecida - as funções vão se adaptando ao percurso, e se atribuem encargos à medida que surgem demandas. Ora atelier de escrita, ora estúdio de música, ora incubadora de projetos fantásticos, ora sala de estar, e assim por diante.

### **psicólogo-cartógrafo como presença**

Poder-se-ia resumir a principal atividade do estagiário de psicologia no Cafofo como exercício da presença. Não se trata de "ensinar arte", ou trabalhar a partir de produções sintomáticas, buscar explicações ou algo que se aproxime de um trabalho analítico. Estar presente significa mergulhar num estado de atenção constante aos fluxos que se produzem no acontecimento do encontro. Apesar de contar com algumas oficinas específicas (jornal, fotografia e futebol), o funcionamento da oficina não requer uma atividade pré-estabelecida, trabalhando com os materiais que surgem espontaneamente. Não se trata, todavia, de um *laissez-faire*, mas sim de perceber que intervenções, propostas, planos, etc. são possíveis a partir dos encontros que vão se dando no espaço.

Assim como o cartógrafo abandona a possibilidade de uma posição neutra e privilegiada para produzir conhecimento, partindo não de pressupostos de

iluministas calcados na razão cartesiana, mas nas afecções, intuições e percepções, o trabalho na oficina também segue na mesma linha. Não se parte de uma posição privilegiada de um saber teórico acerca do sujeito, mas, atentando para os movimentos que se dão entre os corpos, se inventa novas formas de expressar e de se relacionar com a vida. O músico e mestre britânico, Robert Fripp, diz em um de seus aforismas: "Don't be helpful. Be available"<sup>1</sup> - e esse é o motor do trabalho do estagiário na oficina. Não se trata de ensinar ou concluir algo a respeito de um sujeito, para "ajudá-lo", depositando um saber sobre ele, mas de atentar para os pequenos ruídos ali produzidos que dão a ver esse resto que resiste à clausura, esse resto que aponta para uma vida, amplificando essas vozes abafadas e fazendo proliferar outros modos de ser. E estar "à disposição" de outro significa estar receptivo ao estranho, e, assim, ao inesperado, àquilo que desassossega e foge de uma ordem previamente concebível. Quando o assunto da oficina se torna o relato de uma experiência sexual com detalhes íntimos e comentários "obscenos" (e, portanto, quando a oficina ganha essa potência de um lugar possível de determinado relato), o que cabe é aceitar esse gesto e tomá-lo afirmativamente como potência, e não como algo meramente desagradável e vergonhoso.

Estar presente, ou fazer-se presente é uma forma de colocar-se no acontecimento, uma prática reflexiva do próprio ato em ato, impulsionando os encontros e compreendendo as situações sem buscar solucionar. "One characteristic of this experience [being present] is that it takes place in the moment. Not yesterday, not tomorrow, but this particular now. From here, everything else follows. Otherwise, we are subject to the vagaries of weather."<sup>1</sup> (FRIPP, 2014) A idéia do aqui e agora – do plano de imanência que constitui o plano dos encontros e acontecimentos surge como ponto-chave do fazer-se presente, reforçando a condição do fazer, que é a de não se prender ao ontem, ao amanhã, ou a um plano de transcendência das ideias. A partir disso, surge outro aforisma que traz outro elemento importante para compreender a função da presença no exercício clínico: "We have to know the next step, but we don't need to know the step after the next

1 "Não se proponha a ajudar. Esteja disponível" (tradução livre)

1 Uma das características dessa experiência (estar presente) é que toma espaço no instante/momento. Não ontem, nem amanhã, mas na particularidade do *agora*. Daqui, todo resto segue. De outra forma, estaríamos sujeitos às variações climáticas." (tradução livre)

step”<sup>2</sup> - isso traz uma noção de errância, ou de nomadismo, sem que isso signifique inconsequencia. Quando se trabalha com outros sujeitos, a consequencia dos nossos atos é imprevisível, todavia, ao percebermos nossa presença como fazer-se disponível ao outro, e estar imerso num aqui e agora que de alguma forma aproxime do instante o pensamento que busca transcender o momento e ancorar sua compreensão em idéias longínquas, por exemplo, livros, diagnósticos, presunções intelectuais, etc. E a saber do próximo passo, mas não o passo após o próximo passo, demonstra a importância de ter-se na consciência a noção de mobilidade, de estar em movimento, e de que cada gesto significa um deslocamento, sem que isso projete para um fim único, um fim total, uma expectativa que pode recusar os elementos que a ela escapam. Ancorar, portanto, a presença no interior do instante, do presente, a partir da consciência do movimento incessante que se faz a cada momento. Por isso o trabalho é também cartográfico, porque vai-se fazendo durante o processo, a partir daquilo que permanece nos nossos corpos e se fazem compreender a partir da prática. Essa posição aqui sugerida é ao mesmo tempo complexa e muito simples: complexa porque faz abdicar daquilo que aprisiona o pensamento em formas preestabelecidas, e situa na própria experiência a fonte de conhecimento necessário e elementos para se trabalhar; e simples pelo mesmo motivo: podemos nos preparar para entrar nas situações, mas a única ferramenta<sup>1</sup> que permite que se afinem desejo, intenção e consequencia é estar presente. Outra consequencia dessa postura é de situar-se no encontro sem ser naufragado por aquilo que se mostra como engessamento, impossibilidade. Não raro as situações que surgem nos levam a pensar que não há o que possa ser feito, e que a instituição acabou por executar as “pobres almas deste lugar”, como propõe uma inscrição na parede feita por um paciente, cabe ao psicólogo, ou ao oficinairo, insistir na busca por desvios. Em uma conversa particular, Fripp fala sobre a presença e diz: “is like keeping something (energy, money in the bank account) with you – if you give everything you have, you will suddenly have nothing to give to the world” (1). Em outras palavras, é manter a intenção no ato, e preservá-la consigo a

2 “Temos que saber o próximo passo, mas não precisamos saber o passo após o próximo passo” (tradução livre)

1 “é como manter algo consigo (energia, dinheiro na conta do banco) – se se dá tudo que temos, de repente não terá mais nada a oferecer ao mundo” (tradução livre)

fim de evitar o labirinto da insituição total – uma energia vital necessária à sobrevivência em um manicômio, e a qualquer instituição, uma força que permanentemente evita a institucionalização, muito importante para que se mantenha o movimento. É um cuidado necessário para que se possa renovar o trabalho, a partir de novas impressões e afetos – se somos tomados totalmente por aquilo que se coloca, e despejamos toda energia que temos, o trabalho enfraquece em potência, porque é naufragado pelo que se apresenta como imediato.

Situado entre as dimensões ético-estético-políticas do trabalho proposto, funcionando como bússola, o estagiário deve, a partir disso, esquecer-la para poder penetrar na imanência. A presença surge aqui como exercício desse esforço entre trabalhar com uma referência, com uma determinada intenção, sem se distanciar do instante. Agamben chama de *ethos* o uso, a pragmática, a passagem da potência ao ato, da língua à fala, do comum ao singular, em que as duas vertentes estão sempre em trânsito. Essa passagem não se dá em um ato único ou final, mas é um fluxo contínuo de "oscilações modais", em que essas duas instâncias (potência e ato; virtual e atual) estão sempre em conversação, produzindo movimentos. A presença a que me refiro estaria nessa interlocução. A singularidade aparece não como algo que se opõe à indiferença, ao genérico, ou ao particular, mas seria da ordem do ser tal qual é, esquivando-se do dilema particular x universal. Esse "ser tal qual é" é expresso por esse mesmo resto, que não se calca num exemplo, ou num "ser como tal", que ganha existência a partir de uma ideia prévia - como seria um sujeito atrelado ao diagnóstico psiquiátrico, e, assim, vai além dos registros do arquivo, indo ao encontro do inesperado.

A singularidade tomada dessa forma, sem pressupostos, anônima, como modulações do indiferente, espaço vazio de exemplo, só pode advir a partir desse exercício intuitivo da presença, enquanto possibilitada por um modo de trabalhar que leva em consideração os pequenos gestos que apontam para algo ainda inominável. Esse exercício se correlaciona ao do cartógrafo, à medida que ele se vale de uma inteligência afetiva para produzir saber, e aceita o passeio para longe das masmorras seguras de um saber solidificado. A presença não é também só estar presente, mas fazer-se presente, à medida que se abre para tais gestos e tem

como objetivo possibilitar a sua multiplicação e alçá-los a um novo estatuto, assim como o resto, para Agamben, é tomado como tudo, e não como migalhas.

### **a presença como agente do clinamen**

\_\_\_\_A idéia de clínica que se poderia definir como a prática do Cafofo não se trata de um conceito hermético nos moldes de uma clínica pré-estabelecida, mas refere-se à clínica aberta, onde os encontros é que são potenciais articuladores de mudanças nos percursos, possibilitando novas formas de se inserir no mundo. Aí aparece a ideia do clinamen - como um movimento dos átomos que permite os encontros durante a queda. Como coloca Deleuze, a partir dos epicuristas, os átomos, em movimento de queda vertical contínuo, só podem se encontrar a partir de um movimento oblíquo, entrando em contato com outros átomos em queda, e a partir daí formarem cadeias, ou, ao contrário, se distanciarem - um movimento próprio de cada átomo, um declínio, que, em determinadas circunstâncias, possibilita os encontros, e diz de uma determinação própria de cada elemento. Não sendo de todo aleatório, esse declínio é provocado por essas características que determinam movimentos que produzem a diferença. Deleuze alerta que, ao invés da idéia de aleatoriedade, ou indeterminação, tal movimento é não-designável, como uma afirmação da pluralidade e da heterogenêse que não se permite ser colocada, ou arquivada, num todo. A essência do clinamen está na produção da diferença, de escapes - causados por choques que fazem ligação ou afastamento, que não se deixa totalizar numa única série. Em tal encontro, ou ligação, ainda, não se perde a independência de cada átomo, e estes continuam sendo aprendidos e deprendidos, conservando o movimento e um certo grau de autonomia. Se se pode dizer de um acaso nesse movimento, está exclusivamente na impossibilidade de uma junção total das causas que formam tais agrupamentos, ou encontros. Tais agrupamentos, por fim, se formam a partir de diferentes átomos, pois não se pode haver uma cadeia com um mesmo tipo de átomo - e assim se forma a diversidade da matéria - entre séries e no interior de cada uma, a diferença é necessária.

Aí também reside a sustentação de um trabalho que articular arte, cultura e loucura dentro de um espaço atravessado por duas instituições totais. "No interior da própria engrenagem, encontra a contramola que resiste" ("Primavera nos dentes", Secos e Molhados, 1973) - em contraposição às práticas homogeneizantes de tratamento, e contra o sepultamento dos corpos sob os mesmos signos da infâmia da loucura e da periculosidade, se trabalha para a produção de desvios, de manifestação expressiva daquilo que resiste. O movimento oblíquo do clinamen é esse que carrega como potência o desvio de uma história, permitindo se ligar a outros elementos que produzam novas combinações, aceitando e atraindo a autonomia e a singularidade das partes no encontro. Da mesma forma, os tesmunchos podem carregar essa potência do clinamen de desviar a história de seu rumo oficial e arquivado institucionalmente, à medida que contam, narram, a partir de uma outra perspectiva.

A presença surge nessa relação como a potência de produzir essas combinações, de atentar para a diferença que se expressa, de conseguir fazer coexistir nesse espaço diferentes desejos e formas de expressão, a partir da singularidade manifesta pelos diferentes participantes da oficina. Aconteceu, no Cafofo, uma cena que ilustra essa pluralidade e essa possibilidade dos encontros apesar das diferenças, mas sempre na direção de dar a palavra ao sujeito que chega: estávamos, com violão e percussão, criando uma base para o "rap da polícia" de um dos participantes da oficina, G. - um rap recheado de ironias e críticas à instituição, apesar do bom humor contido na letra. Nesse momento, entra Jeremias, que nunca tinha frequentado o Cafofo anteriormente e, aproveitando uma breve pausa na música, diz: "eu tenho uma história para falar sobre a polícia" - e assim começa, em tom pesado que contrasta com a música e a expressão do G., sua história de como um policial da sua cidade natal ameaçou de morte sua família e matou, estuprou e esquartejou sua irmã de 10 anos. Uma história que choca mesmo o ouvido mais corajoso, provocando uma indigestão generalizada na pequena sala da oficina. Apesar do novo tom instituído no ambiente, pesado, denso e carregado de uma névoa, percebe-se que aquele lugar foi eleito por ele como um lugar possível para tal narrativa, e o tema que estava colocado foi o que deu brecha

para que pudesse a palavra ser tomada nessa direção. Assim como Primo Levi, em seu sonho, não conseguia encontrar um ouvido que conseguisse escutar a sua história do trauma do campo de concentração - sequer sua família o escutava; a mesma situação não cessa de se repetir no manicômio judiciário - com histórias que, ali, se tornam impronunciáveis, e aí que surge, nessa cena, uma outra potência do Cafofo, não somente na particularidade desse dia, mas que acontece com frequência: a de ser uma plataforma possível de escuta de histórias que não encontram ouvidos que possam receber essa fala, a de se colocar como presença para receber esse sujeito que toma a palavra e pinta as paredes de sangue, ou lágrimas, enquanto conta algo profundamente seu.

Todavia, conforme aponta Agamben ao referir o conceito de testemunho, jamais se fala da particularidade de uma vida exclusiva, mas sim de todos que compartilham, em algum grau, de tal história, de tal trauma. Não se fala de um percurso particular quando se denuncia, por exemplo, o manicômio judiciário, mas se fala daquilo que possibilitou que tantas vidas pudessem ser continuamente e vagarosamente sepultadas, da perversidade do manicômio, do controle dos corpos, da infâmia que reveste e revestiu tantos corpos. Fala-se, sob o paradoxo da necessidade e da impossibilidade daquilo ser dito, pelos que sucumbiram, e das condições sócio-históricas que, sendo de qualquer um, definiram as condições das produções das infâmias e das lutas.

Pode-se pensar a presença como uma atitude ético-estética que não busca solucionar, curar, trazer à luz do diagnóstico e de um entendimento que circunscreve, mas o contrário - a presença que mantém aberto, que extrai daquilo que lhe é apresentada devires e fluxos que levam a novas questões, cavar novas entradas e saídas, como sugere Deleuze no livro Diálogos. "Cada combinação frágil é uma potência de vida que se afirma" - é dessa forma que se acredita nas atividades expressivas dentro do Cafofo - a cada gesto que se autoriza a dizer algo, mesmo que de forma tímida ou incipiente algo que ainda pulsa, que ainda resta, no sujeito é afirmado como potência de vida, e capaz de desvirtuar trajetos que já haviam sido predestinados. É o desvio do clinamen que nunca cessa de fazer proliferar horizontes impossíveis através da expressão, dada através de múltiplas

combinações, mesmo dentro do enrijecido manicômio judiciário, onde sujeitos sem história têm suas vidas traçadas em papeletas institucionais. A matéria-prima do trabalho na oficina é tudo aquilo que ainda não foi referenciado na ordem dominante - tudo que surge como expressão que ainda não pôde ser codificado pela instituição, que transborda das possibilidades de circunscrição dentro do saberes que operam no manicômio judiciário. Brecha, essa, que dá espaço ao clinamen, ao desvio, àquilo que ainda não foi sentenciado e que, portanto, resta. É nesse ponto comum que o conceito de testemunho vem agregar - onde aquilo que é expressado não diz de uma vida particular, mas da possibilidade daqueles sujeitos de expressarem a partir de uma outra posição, historicamente e institucionalmente silenciada. Ao contrário do arquivo, que guarda a história oficial – aquilo que pode ser dito, ou que pôde ser dito, as papeletas, as receitas médicas, e todas as linhas que contam as histórias desses sujeitos a partir de uma leitura “especializada” da psiquiatria, do judiciário, dos saberes médicos, e também das outras profissões que trabalham na instituição, o testemunho fala a partir dessa realidade compartilhada do trauma, toma a palavra e, portanto, a linguagem, algum sujeito que teve sua história aos poucos apagada. É a possibilidade de tornar-se autor da própria história e, a partir do relato ou da expressão dessa experiência traumática, dizer desse sujeito aprisionado nas amarras médicas e policiais, tal como o fez Primo Levi em seus livros: trazer a perspectiva desse que ainda insiste em dizer algo que resta. É uma potência não-pessoal que a oficina busca dar à vida, trazendo à possibilidade a expressão a partir dos encontros e cruzamentos dos corpos que circulam pelo espaço em busca de uma ferramenta que possa servir de suporte para seu ensaio expressivo, fazendo do ambiente um mutante que varia conforme as múltiplas conexões que se dão a cada momento.

### **o resto é tudo**

Quando falo de resto, do que ainda pode ser dito, não me refiro às migalhas deixadas para trás, ou à sobra, como um resto desprezado ou desprezível. Refiro-me à noção de resto trazida por Agamben em "O que resta a ser dito de Auschwitz",

onde o autor aborda o conceito de resto como a possibilidade de salvação de um (novo) todo. É trazer à expressão aquilo que ainda se força contra a totalização da experiência traumática, aquilo que ainda sobrevive ao turbilhão mortal dessa condição de quase apagamento, no caso, da experiência do manicômio judiciário. Atentar para esse resto que ainda encontra expressão e aponta para a vida é um exercício ético de fazer proliferá-la mesmo no clima árido da instituição, pouco simpático a qualquer manifestação que se force contra o silenciamento, o engessamento e a sepultura cavada pelos enunciados da psiquiatria e da segurança. É produzir entre os muros da própria instituição uma fissura, onde o que pode é resto, e onde o resto é tudo.

Entre desenhos, pinturas, conversas, músicas, a cena que se produz ali, no Cafofo, é a de recepção do estranho que sempre esteve ali. Trazer à roda de conversa assuntos que, de tão familiares e cotidianos, não parecem fazer sentido naquela instituição. Falar sobre drogas, sobre sexo, sobre música e sobre a vida que foi antes e a que poderá ser depois. São assuntos que nada têm de extraordinário, mas que raramente são colocados de forma a romper com moralismos, ou sem a vestimenta da infâmia, que anuncia exclusivamente a impotência. Drogas? Proibido. Sexo? Não deve ser incentivado a um paciente psiquiátrico, ou muito menos ser trazido como uma questão. Vida antes do manicômio? Crime. Vida após? Eterno sujeito perigoso. Evidentemente se encontram brechas em diferentes práticas ali dentro, e o que se trata não é de subjugar o trabalho alheio ou diagnosticá-lo, mas sim de compreender que tipos de agenciamentos se fazem presentes nessas distintas práticas ditas "terapêuticas", e o que se produz no Cafofo como resistência a esse funcionamento.

Quando se diz de receber o estranho, ou aquilo que produz estranhamento - o inadequado, o inconveniente, o deslocado, significa permitir a entrada de elementos que abram o conjunto, que criem fendas no cotidiano e no familiar. Quando Freud escreve sobre o conceito, diz que é, ao mesmo tempo, familiar e estranho - aquilo que produz o estranhamento só o faz porque de alguma forma remete a nós mesmos, e àquilo que tomamos como familiar. "Eu sou você", título da exposição da Oficina de Criatividade do Hospital Psiquiátrico São Pedro, diz de

como se compreende a produção expressiva no manicômio: o testemunho da vida infame que, em certo grau, diz de nós mesmos e de nossas circunstâncias históricas, rompendo com a naturalidade da existência do manicômio em nossa sociedade e apontando para a história de exclusão da loucura institucionalizada e para as instituições que atravessam nosso modo de pensar e conceber a vida na cidade. O estranho é esse elemento que desconforta por sua familiaridade, que aponta para aquilo que produz inadequação em algo que está dado. O mesmo para aquilo que rompe com o que está instituído, por transbordar os limites do pensamento viciado. A potência do estranho é a de colocar questões a partir de elementos que são familiares porque estão inclusos e dispostos em discursos que produzem modos de subjetivar na nossa sociedade, ou em um determinado espaço. Dentro da própria oficina essas pequenas brechas às vezes são cavadas por situações que produzem estranhamento por atentarem para um determinado modo de funcionamento. A presença seria uma forma de potencializar e possibilitar que o estranho penetre a fim de produzir e inventar, muitas vezes no improviso, novas formas de criar relações e vínculo nesse espaço.

A dimensão clínica do Cafofo se situa nesse exercício ético e estético, tendo como matéria-prima esse resto. "O resto [...] significa precisamente a impossibilidade para o todo e para a parte, de coincidir consigo mesmos e entre eles" (AGAMBEN, 2008), ou seja, a partir da impossibilidade do todo ser salvo, o resto se torna tudo. E é a partir dessa operação que é possível atrair para as produções ali feitas o que ainda há de vida naqueles corpos, o que ainda não foi soterrado, ou naufragado, pela experiência da internação, onde os ditos do arquivo psiquiátrico encontram resistência, e onde a infâmia é recusada. É o lugar onde a papeleta institucional não corresponde a uma identidade forjada sobre uma vida, onde o que interessa não é a semelhança entre paciente e diagnóstico, mas sim a dimensão criativa e inventiva. Saidon (2008) fala do paradigma estético como proposição do problema da criação, da capacidade de criar ou dizer algo inédito, "que não corresponde com o que somos", e é a partir dessa ideia que é possível o trabalho na oficina. Através de desenhos, pinturas, músicas, poemas, textos, cerâmicas, fotografias, conversas, etc., o que se busca é dar possibilidade de

expressão àquilo que sobrevive à totalização do trauma, e à repetição infinita do manicômio.

A partir, portanto, dessas ideias, que a oficina se soma à Reforma Psiquiátrica, embora não uma reforma calcada exclusivamente em termos macropolíticos, mas rizomática e micropolítica, vê a possibilidade de rompimento com a lógica manicomial não só através de mudanças estruturais, mas também no gesto mínimo. O gesto, por exemplo, de autorizar o sujeito a contar algo de si, a dizer de sua própria vida, não mais mediado pelo diagnóstico, seja na linguagem que for. Seria a dimensão política do trabalho, que afirma a possibilidade desse sujeito assumir a posição de autoria - que lhe é incessantemente retirada no manicômio judiciário, desde a medida de segurança, que afirma a inimputabilidade, ou a impossibilidade do sujeito responder pelo seu crime, passando pela hipermedicação, que, literalmente, cala, até chegar ao diagnóstico, que espreme a multiplicidade de possibilidades a qualquer ato a um único entendimento possível, sob a autoridade de uma ciência iluminista.

As dimensões do trabalho, evidentemente, se inter cruzam, mas configuram um modo de fazer psicologia crítica que assume uma outra posição frente às relações de poder estabelecidas, às condições de saber-poder, assumindo uma epistemológica que não busca uma verdade, ou uma ontologia original do ser, mas que, como a cartografia, se vale da intuição, das afecções e das percepções que surgem do percurso para produzir vida, produzir diferença, fazer explodir multiplicidades e aumentar o leque de possibilidades, a partir do contato com aquilo que representa o fora da instituição - o que ainda não pode ser concebido, corpos que ainda não foram capturados pela instituição total, e que têm em si um potencial subversivo em relação ao modo de funcionamento do local. Enfim, denunciar a ordem do manicômio judiciário sem o temor de ser intimado; narrar uma experiência sexual pessoal; cantar; produzir; escrever; flertar; xingar; gritar; batucar (fazer barulho); rir; falar de drogas; etc.

## o cafofo e a produção caseira de coquetel molotov

"cafofo:

(...)

5- *gíria do presídio - onde se guardam armas e drogas;*"

Durante a trajetória da oficina, foram diversas cenas que apontaram para uma potência subversiva da oficina, e um certo estranhamento e temor em relação aos espaço. Revólver de argila confiscado. Boicote e restrições à vinda de pacientes. Discussões com outros funcionários. Discordâncias éticas e ontológicas. Ameaça de processo jurídico (por desacato ao funcionário público). Divisões arbitrárias de "bens" com os materiais da oficina. Recusas e moralismos. Mas também apoiadores e aliados antes impensados e que causaram surpresa e deram algum fôlego para resistir à máquina mortífera do manicômio judiciário. Apesar do tom dicotômico do termo "guerra", onde há dois lados, em termos institucionais foi esse o arranjo que configurou a existência do Cafofo como emblema de um outro modo de fazer psicologia, atraindo estagiários e produzindo um outro tempo e uma outra composição de cores e texturas.

É próprio do testemunho, ou do ato de testemunhar, o ataque à ordem estabelecida pelo arquivo. Recusando a infâmia e a papeleta, o testemunho desassossega a segurança dos ditos, dos enunciados que se depositaram e ditaram o ritmo do manicômio judiciário, produzindo uma perspectiva deslocada do comum. Nessa produção, o equilíbrio mudo, como de uma gangorra enferrujada, é atacado por vozes e traços que escancaram a incapacidade de totalização da vida por parte do arquivo (e essa é a potência do resto). Poder contar de sua vida utilizando outras ferramentas, e assumindo uma outra posição em relação à própria vida que não a mesma do paciente psiquiátrico - que cheira a "paiero", usa roupas de terceira mão sujas e cuja vida se encontra concentrada na ponta da caneta do especialista; mas de uma forma de expressar. É próprio do testemunho, também, um senso coletivo, que fica claro nas denúncias e nas conversas sobre a vida no IPF. Não se fala da

particularidade da vida do paciente, mas de uma vida - artigo indefinido. Não se fala somente por si, mas por uma realidade compartilhada, e aí também se encontra a potência da denúncia, que não é nem anônima nem privada, que encontra nesse limbo uma linha que une diferentes vidas. Não se denuncia, portanto, a pessoa x ou a pessoa y, mas os encaminhamentos e enunciados que ergueram os muros do manicômio, ou simplesmente uma fuga, refúgio e recusa da infâmia que eles produziram.

A potência transgressora do Cafofo está, portanto, nessa nova possibilidade de relação com a própria vida e poder se posicionar de outra forma em relação às condições de existência naquele espaço. Não é um somente um ataque/denúncia à instituição, mas sim um produzir vida em um local tão inóspito, produzir tamanho estranhamento no cotidiano da instituição, e constituir um campo de atuação da psicologia que foge aos paradigmas ali postos, ou seja, institui uma outra forma de trabalhar e fazer psicologia. Aos poucos, o espaço que nasceu tímido e sem um rumo pré-definido, foi se tornando um emblema da "desinstitucionalização" dentro do IPF, funcionando como um cartão de visitas às entidades que chegavam e como um projeto vinculado diretamente à Reforma Psiquiátrica e suas diretrizes. Uma válvula de escape possível em uma instituição tão fortemente ancorada em práticas conservadoras e afirmativas da clausura, que conta como um dos únicos refúgios o núcleo de estágios em acompanhamento terapêutico e, desde esse ano, com o trabalho vinculado às artes e expressões.

Tomando o conceito de dispositivo de Foucault, como uma rede que liga elementos ditos e não-ditos compostos por discursos, enunciados, matéria, espaço físico, leis, normas, etc., o Cafofo aparece como uma ilha de resistência dentro do próprio manicômio judiciário, onde as grossas camadas de enunciados proferidos pela psiquiatria e pela medida de segurança encontram um espaço possível de perfuração, onde mesmo as imensas cordilheiras que se produzem a partir do engessamento desses sujeitos encontram brechas. Atuando dentro do espaço do manicômio, o Cafofo se vê no meio dessa rede de produção de práticas discursivas, modos de subjetivação e jogos de poder, buscando "deslincar" os signos ali postos, dando visibilidade àquilo que é ali rejeitado, ou àquilo que pode de alguma forma

subverter essas categorias - de louco, perigoso, drogado. É a busca de um porvir inesperado, que fuja do leque de (im)possibilidades que rege a (não-)vida no manicômio judiciário. É, portanto, um trabalho que busca interromper uma determinada ordem colocada nesse espaço, introduzindo um outro tempo e uma outra forma de receber o que ainda pode ser produzido por esses sujeitos que fuja da clausura. Se a medida de segurança é o que permite dizer: "esse sujeito não pode responder pelo seu ato", em que a autoria é retirada do próprio ato que o coloca em tal experiência traumática, o Cafofo busca restituir essa autoria, a possibilidade de expressar e a reconexão do sujeito com sua própria história e vida. Expressar, aqui, é manifestar, exprimir, a partir de uma apropriação pragmática da linguagem pelo sujeito, seja pelo veículo que for. Relaciona-se, portanto, com uma outra possibilidade de falar de si e da sua história, e no que tange à experiência compartilhada da vida no manicômio judiciário, e o que dela escapa.

### **Considerações finais**

No lugar de concluir, o que cabe ao final de um texto que procura refletir sobre uma prática libertário-expressiva dentro de um estabelecimento que comporta duas instituições totais, composta em seu discurso por práticas de privação de liberdade, contenção, exclusão, medicalização excessiva, disciplinadoras, é uma reabertura das questões. As ideias que foram elaboradas no presente são fruto de diversas pausas onde se buscou traduzir algo daquilo que se produz a partir da própria prática e vida profissional no espaço da oficina Cafofo do IPF. São quase dois anos em que as múltiplas formas do Cafofo foram reinventadas, e inclusive realocadas. Tal como o pensamento nômade proposto por Deleuze, o Cafofo busca povoar o deserto a partir da multiplicidade. Esse espaço diverso e múltiplo encontra-se com o que chamamos de resistência e tem ainda algo a dizer que possa vir a ser acolhido em nossa jornada, alavancando desvios e produzindo encontros nos percursos. Dar voz àqueles que foram silenciados, atentar para os murmúrios que insistem mesmo que soterrados pelos enunciados que ditam a ordem social, do manicômio judiciário, e que, por isso, resistem à lógica mortífera - e falam também

por aqueles que, de alguma forma, sucumbiram. A nós, cabe reunir esforços para que espaços assim continuem existindo e inventem pontes que possam restabelecer ligação com o extra-muro, com a cidade, a partir de uma prática que opera no sentido da produção de vida. Testemunhamos, também, e isso nos coloca na mesma condição de necessidade de fala e impossibilidade, à medida que acompanhamos esse processo de produção e incentivo de atividades expressivas. As dificuldades encontradas, os obstáculos, tanto discursivos quanto práticos, somente tornam claro que a reconciliação entre o dentro e o fora é difícil e que o trabalho deve ser incessante. Os pequenos momentos preciosos que testemunhamos são a força motriz do trabalho, quando os signos são deslucados, as barreiras abrandam, e a criação pode vir. Não se trata, contudo, de um trabalho que se propõe messiânico, é uma possível contribuição ao mundo a partir daqueles que têm algo a dizer sobre ele. Quando perguntado em uma entrevista sobre o porquê de trabalhar com pequenos grupos de músicos ao redor do mundo em cursos afastados da cidade, responde: “Yo no puedo cambiar el mundo. El mundo es demasiado grande. El Guitar Circle es suficientemente grande, pero no demasiado grande: esto es posible. Y entonces me dedico a eso, lo mejor posible.”<sup>23</sup>. Se não se pode mudar o mundo, ou se o mundo é um lugar grande demais para se mudar, façamos o melhor possível dentro daquilo que se mostra como uma oportunidade possível. A lei da Reforma Psiquiátrica de nada vale se no âmbito micropolítico não forem trabalhadas essas questões, não se produzirem pequenos desvios, se não se der a voz àqueles que têm algo a falar sobre a experiência dessa exclusão, se não se perceber o que há de potência naqueles que tiveram seus corpos cobertos de infâmia que, muitas vezes, têm sua história contada a partir das internações involuntárias em diferentes estabelecimentos manicomial. Busca-se, pois, uma outra forma de contar essa história, a partir de

2 “Não posso mudar o mundo. O mundo é grande demais. O Círculo de Guitarras é suficientemente grande, mas não é demasiadamente grande: isso é possível. E por isso me dedico a isso, da melhor forma possível.”

3 Guitar Circle, ou Círculo de Guitarras, é a escola criada por Robert Fripp nos anos 80, em que são apresentadas ideias acerca de técnica, musicalidade, postura corporal e *mindfulness*, tendo como um dos pilares o trabalho e performance em círculo com outros guitarristas.

uma outra perspectiva, e lança-se ao mundo a partir dessas produções expressivas, e, para além disso, uma outra forma de se conectar com sua própria vida e com aquilo que nos cerca.

*The way we describe our world shows how we think of our world.*

*How we think of our world governs how we interpret our world.*

*How we interpret our world directs how we participate in the world.*

*How we participate in the world shapes the world.*

*“A forma como descrevemos o nosso mundo mostra como pensamos nosso mundo.*

*Como pensamos nosso mundo governa como interpretamos nosso mundo.*

*Como interpretamos nosso mundo direciona a como participamos no mundo.*

*Como participamos no mundo modela o mundo.”*

*(FRIPP, Robert, s/a., tradução livre)*

## **referências**

- AGAMBEN, Giorgio. O que resta de Auschwitz, São Paulo: 2008, editora Boitempo
- AGAMBEN, Giorgio. A comunidade que vem, Lisboa: 1993, editorial Presença
- DELEUZE, Gilles. Lucrécio e o simulacro in: Lógica do Sentido, São Paulo: 1974, editora da Universidade de São Paulo (pg. 273 - 289)
- FREUD, Sigmund. O estranho in: Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, vol. XVII. Rio De Janeiro: 2009, editora Imago
- FRIPP, Robert. Diaries, disponível em: <[dgmlive.com/diaries](http://dgmlive.com/diaries)>
- FRIPP, Robert. Aforismas, disponíveis em: <[dgmlive.com](http://dgmlive.com)>
- FRIPP, Robert. Entrevista a Robert Fripp. Pagina 12, Mendoza, entrevista concedida a Eduardo Fabregat
- LEVI, Primo. É isto um homem?, Rio de Janeiro: 1988, editora Rocco
- FONSECA, Tania Mara G., PERRONE, Claudia, ENGELMAN, Selda. Rizomas da Reforma Psiquiátrica - A Difícil Reconciliação, Porto Alegre: 2007, editora UFRGS e editora Sulina
- PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virginia; ESCÓSSIA, Liliana da (orgs.). Pistas do método cartográfico, Porto Alegre: 2009, editora Sulina
- SAIDÓN, Osvaldo. Devires da clínica, São Paulo: 2008, editora Hucitec